Jane Austen

SENSIBILIDADE E BOM SENSO

JANE AUSTEN

TRADUÇÃO
Anastasiya Shchur e Sofia Marques

CLÁSSICOS GUERRA & PAZ

ÍNDICE

Introdução. 13

Sensibilidade e Bom Senso

Capítulo 1 23
Capítulo 2 28
Capítulo 3 34
Capítulo 4 39
Capítulo 5 45
Capítulo 6 48
Capítulo 7 52
Capítulo 8 56
Capítulo 9 60
Capítulo 10 66
Capítulo 11 72
Capítulo 12 77
Capítulo 13 82
Capítulo 14 89
Capítulo 15 94
Capítulo 16 101
Capítulo 17 107
Capítulo 18 113
Capítulo 19 118
Capítulo 20. 126
Capítulo 21 133
Capítulo 22. 141

Capítulo 23. 149
Capítulo 24. 156
Capítulo 25. 162
Capítulo 26. 167
Capítulo 27. 175
Capítulo 28. 183
Capítulo 29. 188
Capítulo 30. 199
Capítulo 31. 207
Capítulo 32. 217
Capítulo 33. 224
Capítulo 34. 232
Capítulo 35. 239
Capítulo 36. 245
Capítulo 37. 253
Capítulo 38. 264
Capítulo 39. 272
Capítulo 40. 277
Capítulo 41. 284
Capítulo 42. 291
Capítulo 43. 296
Capítulo 44. 305
Capítulo 45. 319
Capítulo 46. 325
Capítulo 47. 333
Capítulo 48. 340
Capítulo 49. 344
Capítulo 50 355

INTRODUÇÃO

Jane Austen nasceu em 16 de Dezembro de 1775, em Steventon, Hampshire, Inglaterra, e cresceu num ambiente rural, rodeada por uma família numerosa e intelectualmente estimulante. Filha de um clérigo anglicano, Jane foi a sétima de oito filhos e viveu uma infância marcada pela partilha de histórias, por leituras em voz alta e pelo acesso irrestrito à biblioteca do pai – um privilégio raro para uma jovem da época. A sua educação formal foi breve e pontuada por episódios de doença, e a verdadeira aprendizagem deu-se em casa, entre livros, diálogos e o quotidiano de uma casa movimentada, onde conviviam irmãos, primos, alunos do pai e criados. Desde cedo, Jane revelou um talento invulgar para a observação do comportamento humano e para a escrita, alimentando-se das pequenas e grandes histórias que a rodeavam.

Durante a adolescência, Austen começou a escrever pequenas peças e textos satíricos, reunidos mais tarde sob o nome de *Juvenilia*, nos quais já se vislumbravam o humor, a ironia e o olhar crítico que viriam a definir a sua obra madura. A convivência próxima com a irmã Cassandra, sua confidente e primeira leitora, foi fundamental para o desenvolvimento da sua escrita.

Em finais do século XVIII, Inglaterra vivia sob o impacto da Revolução Francesa e das guerras napoleónicas, num clima não só de instabilidade política e social mas também de efervescência cultural. O país assistia à ascensão da burguesia, à transformação das relações sociais e à emergência de novas sensibilidades, temas que Austen absorveu e traduziu, com subtileza, para a ficção. Foi neste contexto que, em 1795, Jane Austen terá redigido a primeira versão de *Sensibilidade e Bom*

Senso, então intitulada de *Elinor & Marianne*, na qual narrava a história das duas irmãs, inicialmente sob a forma de cartas. O romance foi reescrito pela autora em 1797, ainda em Steventon, e revisto em profundidade por volta de 1809, já em Chawton. Contudo, nenhum desses primeiros rascunhos sobreviveu ao tempo, restando-nos apenas a certeza de que o romance passou por diversas metamorfoses até à sua publicação.

Não se perderam apenas esses manuscritos; também a correspondência pessoal entre Jane e a irmã Cassandra foi, em grande parte, destruída ou censurada por esta última após a morte da autora. Confidentes inseparáveis, as cartas trocadas continham detalhes íntimos e reflexões que hoje seriam inestimáveis para compreendermos em profundidade o quotidiano, o pensamento e as emoções de Jane Austen. No entanto, a destruição ou ocultação de documentos privados era uma prática comum na época, sobretudo para proteger a intimidade dos falecidos e das suas famílias. Este gesto de Cassandra, se é verdade que preservou uma certa imagem da irmã, privou-nos de um acesso mais directo à sua voz pessoal, deixando-nos com fragmentos e vazios que alimentam, até hoje, a curiosidade e o mistério em torno da figura de Jane Austen.

Ainda assim, chegou até hoje a imagem de uma autora firme no seu propósito literário, que trabalhou com rigor e paciência na construção da obra que viria a marcar o seu nome no mundo da literatura para sempre, tendo feito sucessivas revisões ao manuscrito até este assumir a sua forma definitiva em 1811, já com Austen instalada em Chawton, após um período de dificuldades financeiras e mudanças familiares.

Todavia, a publicação de *Sensibilidade e Bom Senso* não se fez sem riscos: Austen teve de pagar para que a obra visse a luz do dia, assumindo ela própria os custos da edição e confiando no seu sucesso para recuperar o investimento. Esta prática, conhecida na altura como publicação por comissão, era usual entre escritores menos renomados ou sem influência, sobretudo mulheres, e representava um verdadeiro acto destemido de confiança no seu trabalho. Foi com base na confiança da qualidade de escrita de Jane que o irmão Henry se revelou fundamental, ao

assegurar as negociações com Thomas Egerton, da Military Library, uma editora londrina, e garantir os recursos necessários para que o romance chegasse ao prelo, ainda que de forma anónima.

Assim, num tempo em que o reconhecimento público do talento feminino se via frequentemente relegado à discrição e ao anonimato, o livro foi primeiramente impresso sob a assinatura discreta «*By a Lady*» (Por uma senhora), e, mais tarde, noutras obras, surgiu a menção «*By the Author of* Sense and Sensibility» (Do/a Autor/a[1] de *Sensibilidade e Bom Senso*).

Era este, aliás, o plano de uma sociedade georgiana, herdeira de valores aristocráticos, que se começava a confrontar com a ascensão de uma nova classe média, com o crescimento das cidades e com debates intensos sobre o papel da mulher, o casamento, a herança e a moralidade. Foi nesse contexto de transformação, em que o Parlamento discutia reformas, a imprensa florescia e a literatura se tornava cada vez mais num espaço de reflexão sobre as mudanças sociais, que Jane Austen se distinguiu pela ousadia com que trouxe para o centro da narrativa temas habitualmente relegados ao silêncio, como as conversas sobre rendas, dotes e patrimónios, demolindo o tabu em torno das finanças e revelando, com ironia e acutilância, o impacto das circunstâncias económicas na felicidade, reputação e destino das suas personagens.

Sensibilidade e Bom Senso demonstra isso bem, destacando-se pela forma como aborda, através da história das irmãs Dashwood, as tensões entre tradição e modernidade, sentimento e razão, desejo individual e conveniências sociais.

A sua publicação, em três volumes, foi um sucesso imediato, com a primeira edição a vender cerca de 750 exemplares, dando à autora um lucro aproximado de 140 libras e levando à publicação de uma segunda edição em 1813.

---

[1] Em inglês, o nome *author* não apresenta distinção de género, o que faz com que, ao contrário da primeira assinatura, não se consiga perceber se o autor é homem ou mulher. (*N. das T.*)

Sensibilidade e Bom Senso

CAPÍTULO 1

Havia muito que a família Dashwood se instalara em Sussex. A propriedade era grande, e a residência situava-se em Norland Park, no centro das suas terras, onde, por diversas gerações, viveram de maneira tão respeitosa que conquistaram uma boa reputação entre os vizinhos. O antigo proprietário destas terras era um homem solteiro, que viveu até uma idade avançada e que, por muitos anos, tivera a irmã como fiel companheira e governanta. Contudo, a morte desta irmã, dez anos antes da sua, gerou grandes alterações; para suprir a perda, convidara e recebera em casa a família do sobrinho, o senhor Henry Dashwood, legítimo herdeiro de Norland e a quem pretendia deixar os seus bens. Os dias do velho cavalheiro foram confortáveis na companhia do sobrinho, da sobrinha e dos respectivos filhos. O seu apego a todos aumentou com o passar do tempo. A constante atenção que o senhor Henry Dashwood e a esposa lhe prestavam, satisfazendo os seus desejos, demonstrava que não agiam por mero interesse, mas pela bondade do coração, proporcionando-lhe todo o conforto que a sua idade permitia, e a alegria das crianças dera um novo sentido à sua existência.

O senhor Henry Dashwood tinha um filho do primeiro casamento e três filhas da actual mulher. O filho, um jovem respeitável, beneficiava da fortuna da mãe, que era considerável e cuja metade herdara ao atingir a maioridade. Além disso, através do seu próprio casamento, que aconteceu pouco tempo depois, aumentou ainda mais a sua riqueza. Portanto, herdar Norland não lhe era tão importante como para as irmãs; a fortuna destas, independentemente do que poderiam receber caso o pai acabasse por herdar a propriedade, só poderia ser ínfima.

A mãe delas não tinha nada, e o pai apenas possuía sete mil libras, pois a restante metade da fortuna da primeira mulher também caberia ao filho, sendo ele apenas usufrutuário vitalício dos bens.

O velho cavalheiro morreu: o seu testamento foi lido e, tal como quase todos os testamentos, trouxe tanto decepção como alegria. Ele não fora tão injusto nem tão ingrato a ponto de não deixar a propriedade ao sobrinho, mas deixou-a em tais condições que destruiu metade do seu valor. O senhor Dashwood desejava a herança mais pela mulher e pelas filhas do que por si próprio e pelo filho; porém, para o filho e para o filho do filho, uma criança de quatro anos, a propriedade era-lhes garantida de tal modo que não lhe restava qualquer poder para zelar por aqueles que lhe eram mais queridos e que mais necessitavam do seu auxílio, quer através de algum empréstimo sobre a propriedade, quer na venda das suas valiosas madeiras. Tudo estava resguardado para o benefício desta criança, que, em visitas ocasionais com o pai e a mãe a Norland, captou a afeição do tio através de comportamentos que não são raros em crianças de dois ou três anos de idade; uma articulação imperfeita da fala, um desejo intrínseco de fazer o que queria, muitas partidas engraçadas e imenso barulho apagaram todo o valor e toda a atenção que, por muitos anos, recebera da sobrinha e das respectivas filhas. No entanto, o velho senhor não quisera mostrar-se ingrato e, como prova do seu afecto pelas três raparigas, deixara a cada uma a soma de mil libras.

A princípio, o senhor Dashwood estava imensamente desapontado; contudo, o seu carácter era alegre e optimista, e como esperava viver muitos anos de forma poupada, conseguiria pôr de parte uma soma considerável, proveniente de uma propriedade grande e apta a receber melhoramentos imediatos. Todavia, a fortuna, que tardou a chegar, foi sua somente um ano. Não sobreviveu muito mais do que o seu tio, e dez mil libras, incluindo os últimos legados, foi tudo o que restou para a viúva e as filhas.

O seu filho foi imediatamente chamado assim que soube do perigo, e o senhor Dashwood recomendou-lhe, com toda a força e urgência que uma doença poderia suscitar, que cuidasse da madrasta e das irmãs.

O senhor John Dashwood não tinha fortes laços com o resto da família; contudo, sentiu-se afectado por uma recomendação daquela natureza e em tais circunstâncias, então prometeu fazer tudo aquilo que estivesse ao seu alcance para as deixar confortáveis. O pai ficou descansado após a sua promessa, e o senhor John Dashwood teve tempo para considerar o que poderia, prudentemente, fazer por elas.

Não era um jovem mal-intencionado, a menos que se considere que ser frio e egoísta seja ser mal-intencionado; mas, de modo geral, era bem respeitado, pois agia correctamente e cumpria com as suas obrigações. Se tivesse casado com uma mulher mais amável, poderia ser ainda mais respeitado do que já era; talvez se tivesse tornado amável ele próprio; porque casara muito jovem e era muito amigo da mulher. Contudo, a senhora John Dashwood era uma forte caricatura do marido… mas mais mesquinha e egoísta.

Quando fez a promessa ao pai, pensou em aumentar a fortuna das irmãs com um presente de mil libras a cada uma. Sentia-se realmente disposto a fazer tal gesto. A perspectiva de quatro mil libras anuais, para além do seu rendimento actual e da restante metade da fortuna da mãe, aquecia-lhe o coração e fazia-o sentir-se propenso à generosidade. «Sim, dar-lhes-ia três mil libras: seria generoso e bonito! Seria o suficiente para as deixar tranquilas. Três mil libras! Poderia dispensar tal quantidade sem grandes inconveniências.» Pensou nisso todo o dia, e por muitos dias a fio, sem se arrepender.

Mal terminou o funeral do pai, a senhora John Dashwood, sem qualquer aviso à sogra, chegou a Norland Park com o filho e os criados. Ninguém poderia negar o seu direito de vir; a casa era do marido desde o momento em que o pai dele morrera; todavia, a indelicadeza da sua conduta era muito grande e, para uma mulher na situação da senhora Dashwood, deveria ter sido muitíssimo desagradável; porém, a *sua* mente tinha um sentido de honra tão aguçado, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa do género, fosse de quem fosse, era para ela uma fonte de profundo desgosto. A senhora John Dashwood nunca fora muito estimada por nenhum membro da família do marido; mas, até então, não tivera oportunidade de lhes mostrar

que, quando a ocasião o exigia, era capaz de agir sem o mínimo de consideração pelos outros.

A senhora Dashwood sentiu intensamente este comportamento desagradável e desprezou tão seriamente a nora por isso que, com a chegada da mesma, teria abandonado a casa para sempre se a súplica da sua filha mais velha não a tivesse deixado a reflectir sobre a conveniência da partida; isso e o seu terno amor pelas três filhas convenceram-na a ficar, e pelo bem delas queria evitar uma ruptura no relacionamento com o enteado.

Elinor, a filha mais velha, cujo conselho fora tão eficaz, apesar de ter apenas dezanove anos, já possuía uma força de compreensão e uma frieza de julgamento que a qualificavam para ser conselheira da mãe, e muitas vezes lhe permitiam contrariar, para vantagem de todas elas, aquela ânsia de espírito da senhora Dashwood que geralmente conduzia à imprudência. Tinha um excelente coração; era, por disposição, afectuosa, e os seus sentimentos eram fortes; porém, sabia controlá-los: um conhecimento que a sua mãe ainda precisava adquirir, e que uma das irmãs decidiu nunca aprender.

As aptidões de Marianne eram, em muitos aspectos, quase iguais às de Elinor. Era sensata e inteligente, mas exagerada em tudo: as suas tristezas e as suas alegrias não tinham moderação. Era generosa, amável e interessante: era tudo menos prudente. A semelhança entre ela e a mãe era notavelmente grande.

Elinor observava, com preocupação, os excessos de sensibilidade da irmã, mas, para a senhora Dashwood, esses excessos eram valiosos e deveriam ser mantidos. Encorajavam-se uma à outra na violência da sua aflição. A agonia da dor que as dominou no início foi voluntariamente renovada, procurada, recriada uma e outra vez. Entregaram-se inteiramente à tristeza, procurando piorar a sua miséria em todas as reflexões que a isso pudessem levar, decididas a nunca admitir consolação no futuro. Elinor também estava profundamente aflita; mas ainda conseguia lutar, conseguia esforçar-se. Ela poderia consultar o irmão, receber a cunhada à chegada e tratá-la com a devida atenção; e poderia esforçar-se para convencer a mãe a realizar um esforço igual e encorajá-la a semelhante paciência.